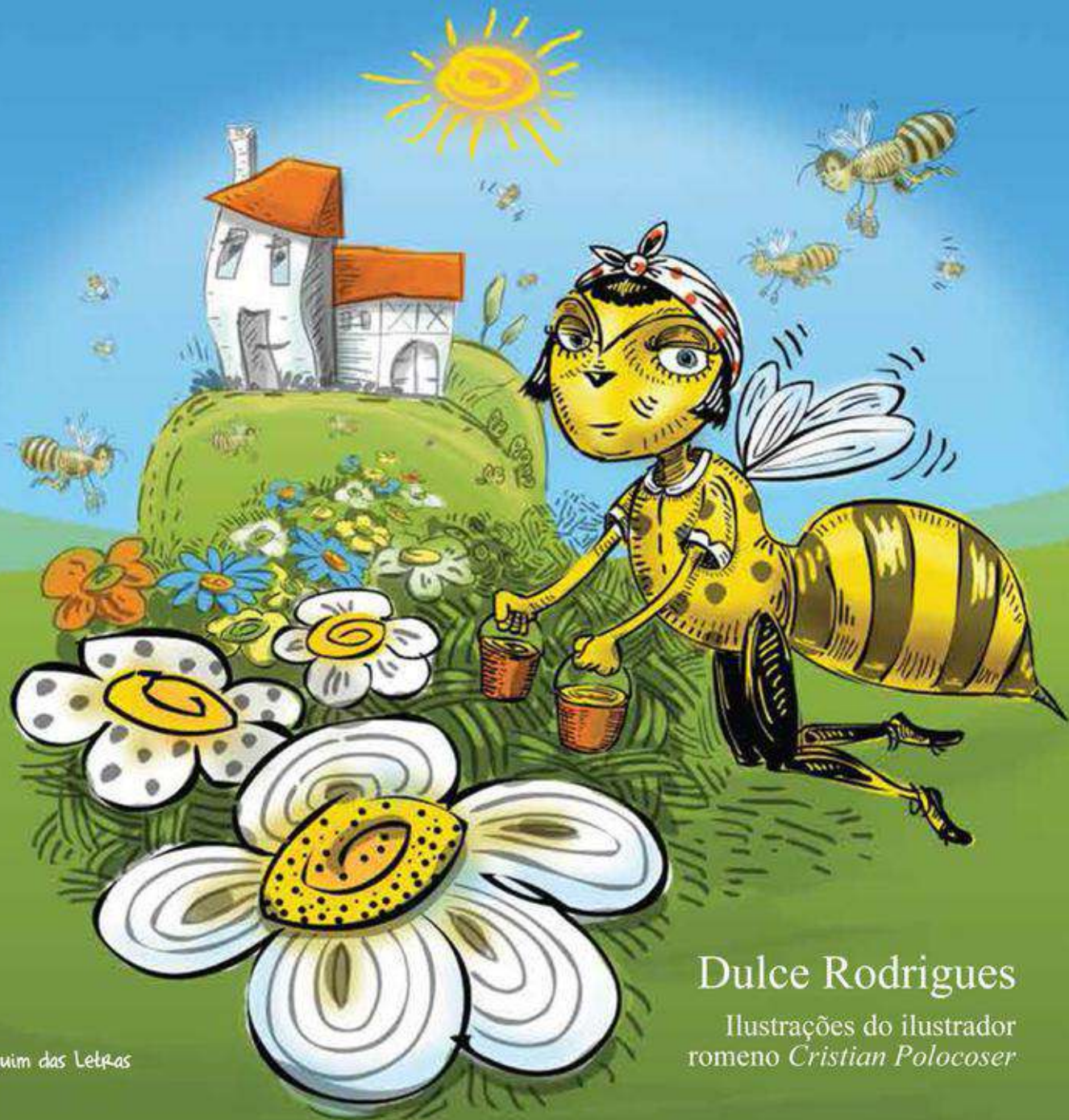


Era uma vez... uma Casa



Dulce Rodrigues

Ilustrações do ilustrador
romeno *Cristian Polocoser*

Dulce Rodrigues

Era uma vez... uma Casa



Edição: Berbequim das Letras
Título: Era uma vez uma casa (IL ÉTAIT UNE FOIS UNE MAISON, Edition 2009)
Autora: Dulce Rodrigues

Ilustrações: Cristian Polocoser
Paginação: Marco Martins
Capa: Marco Martins

1.ª EDIÇÃO
LISBOA, NOVEMBRO 2011
© Dulce Rodrigues

Impressão e Acabamento: Agapex

ISBN: 978-989-97375-2-5
Depósito Legal: 334926/11

Publicação e Comercialização
Sítio do Livro, Lda.
Lg. Machado de Assis, lote 2 — 1700-116 Lisboa
www.sitiodolivro.pt

Autora: Dulce Rodrigues
Sítio pessoal: www.dulcerodrigues.info
Sítio infanto-juvenil: www.barry4kids.net
Ilustrações: Cristian Polocoser

www.sitiodolivro.pt

© Dulce Rodrigues, 2011. Reservados todos os direitos.

Este texto está protegido pelas leis e tratados internacionais relativos aos direitos de autor. Toda a reprodução, por qualquer processo que seja, sem a autorização do autor é passível das sanções previstas pelo código da propriedade intelectual e das convenções internacionais em vigor sobre os direitos de autor.



Era uma vez uma casa que se sentia só, perdida no meio da natureza, esquecida de todo o mundo! Tinham ali vivido pessoas muito simpáticas, mas há muito tempo que se tinham ido embora. E ninguém mais viera depois da sua partida, só o silêncio reinava na Casa!

Outrora, o jardim estava lindo, cheio de flores, na horta havia toda a espécie de legumes, e o trigo amontoava-se no celeiro. Agora, só havia ervas daninhas por todo o lado; e o celeiro estava nu e vazio. Outrora, o lago abundava em peixinhos vermelhos, agora a sua água estava estagnada e sem vida. Outrora, as vacas mugiam alegremente no estábulo a pedir que as viessem ordenhar; as galinhas cacarejavam nos poleiros para anunciar que tinham posto mais um ovo; e o galo cantava pela manhã para acordar tudo em redor. Agora só havia silêncio e desolação. As lágrimas chegavam aos olhos da Casa cada vez que ela olhava pelas janelas.

Mas, um dia, aconteceu um milagre: a Casa ouviu um barulho, suave como uma leve brisa. Alguém acabava de chegar!

Era a dona Aranha que aí vinha instalar-se. Tinha visto aquele lugar e achara que era o sítio ideal para a sua família. E imediatamente começou a construir a sua teia. Assim, se aparecessem outras aranhas, ela faria valer os seus direitos de proprietária. Os primeiros a chegar são sempre os mais bem servidos!

E fez bem, porque...



Alguns dias mais tarde, chegou a senhora Rato. Andava muito devagar, pois a sua grande barriga, cheia de ratinhos prestes a nascer, pesava-lhe imenso. Felizmente que tinha o marido para a ajudar a trazer todos os seus haveres!

O local era verdadeiramente magnífico. Havia muitos buracos na casa, mesmo bem situados para quando se é um rato. Além disso – *que boa notícia!* – alguns dos buracos comunicavam com o exterior, o que permitiria aos ratinhos irem brincar lá fora sem grandes problemas.

A senhora Rato não podia estar mais feliz, nunca teria encontrado semelhante paraíso em nenhum outro sítio! Ajudada pelo marido, começou logo a preparar as coisas a seu gosto. Era preciso que tudo estivesse pronto para o nascimento dos seus filhotes.

Havia somente um problema a resolver: armazenar comida, para mais agora que o Inverno estava à porta! Quando está mau tempo, é muito difícil encontrar seja o que for para comer. Por isso, era preciso ir buscar alimentos, ou melhor, ir à procura de restos de comida nos caixotes do lixo, e de preferência bocados de queijo. Todos os ratos adoram o queijo!

O senhor Rato ocupou-se muito bem dessa tarefa e, em breve, a Casa cheirava a queijo por todo o lado, o que não lhe agradou lá muito. Tinha sido sempre uma casa muito asseada! É verdade que desde que os últimos proprietários se tinham ido embora não tinha sido limpa, mas daí a cheirar a queijo daquela maneira... Contudo, a Casa acabou por se resignar e habituou-se rapidamente àquele cheiro. O importante era afinal ter novos moradores.





Os dias passaram. A senhora Rato levava uma vida feliz, rodeada dos seus doze ratinhos recém-nascidos e do seu amável marido. As teias de Aranha tinham-se multiplicado e caíam do tecto, por todo o lado na Casa. Esta, por sua vez, tinha-se habituado ao desagradável cheiro do queijo.

Foi então que, um dia, começou a chover a potes. O vento assobiava com uma tal violência, que todos tiveram medo. Até a Casa tremia. Depois, a tempestade amainou e a tranquilidade voltou a reinar.

Mas, não por muito tempo!

Eis que, pouco depois, este ambiente pacífico foi perturbado por barulhentos grasnidos. Havia mais alguém que chegava. Assim era. Também a dona Pata vinha aproveitar este lugar magnífico para aqui criar os seus filhotes.

Com a chuva, o lago estava de novo cheio de água e tornava-se, assim, num paraíso para os oito patinhos que constituíam a família da senhora Pata. Esta tinha a responsabilidade e a dura tarefa de criar sozinha os seus filhotes. Tinha perdido o marido recentemente. O senhor Pato tinha sido morto por uns caçadores malvados quando se banhava num charco com a família.

A senhora Pata e os filhos ainda tinham tido tempo de se esconder quando os caçadores chegaram; mas estes tinham visto o marido, que ficara para trás para proteger a família. Sem piedade alguma, os caçadores tinham disparado sobre o pobre pato. Este soltou um grasnido de dor, depois desfaleceu. Os caçadores pegaram nele e levaram-no, indo continuar a mesma feia acção algures noutra sítio.



A senhora Pata tinha assistido aterrorizada a toda a cena, incapaz de fazer fosse o que fosse. Felizmente que os seus filhotes não tinham visto esse triste espectáculo, e ela tinha-lhes feito acreditar que o pai partira para uma longa viagem e que voltaria um dia. À medida que os patinhos crescessem, acabariam por compreender o que se tinha passado.



A Autora

Era uma vez uma menina que adorava livros. Como estava muitas vezes doente, os familiares e amigos levavam-lhe sempre um livro quando a iam visitar. E quanto mais ela lia, mais gostava de ler. A sua imaginação enchia-se de estórias que a transportavam para outros mundos e que ela gostava de contar às outras crianças.

À medida que foi crescendo, a sua vida foi mudando, e uma altura houve em que deixou de ter tempo para contar estórias. Mas estas continuavam a surgir na sua cabeça até à altura em que... Não dizem que na velhice voltamos à nossa meninice?

E a criança de outrora passou de novo a ter todo o tempo que queria para contar estórias às crianças de agora! E as estórias sentiram-se felizes por poderem voltar do seu exílio forçado e encheram alegremente páginas e páginas de livros.

Já deve ter adivinhado. Eu era essa menina. O meu nome é Dulce Rodrigues e sou autora premiada de livros e peças de teatro infanto-juvenis e também do sítio lúdico-educativo em quatro línguas www.barry4kids.net.

Desejo que os jovens de todas as idades gostem tanto das minhas estórias como eu adorei escrevê-las.

Uma casa abandonada, perdida no meio da natureza, vê finalmente diferentes visitantes aí se instalarem, pouco a pouco, ao ritmo das estações... A senhora Aranha, o senhor Rato e a sua numerosa família, a senhora Pata e os seus filhotes, depois o grande Gato cinzento e branco, a Ovelha, as Formigas, mesmo as Abelhas, todos eles, com a casa, a verdura, as flores, os frutos, os legumes acabam por ultrapassar as suas divergências e criam um lugar de paz e de equilíbrio. Um dia, porém, toda esta tranquilidade é perturbada pela chegada do Homem com o seu fiel companheiro, o Cão! Que lição ensinará o Homem a ser menos egoísta e a respeitar melhor a Natureza? Uma amarga lição!

Este conto recebeu Menção Honrosa no 2013 Hollywood Book Festival, e foi-lhe atribuído também um terceiro prémio no concurso literário do Cercle International d'Expression Littéraire et Artistique, em França, em 2004

Uma obra cheia de sensibilidade e de ternura, na qual o coração se sobrepõe à razão para nos levar à descoberta de uma vida verdadeira em que cada ser vivo tem lugar. Dulce Rodrigues mostra-nos com talento que, por vezes, precisamos de voltar a encontrar o nosso coração de criança para nos abirmos às realidades da vida que nos proporcionam verdadeiras fontes de alegria.

Não posso senão felicitá-la por nos conduzir por caminhos da vida que, infelizmente, escapam por vezes aos nossos olhos de adultos.

Serge Lapisse, escritor, poeta, filósofo

Dulce Rodrigues é uma escritora portuguesa que vive um pouco por toda a Europa. Gosta de jardinagem, fotografia, arte, música, animais e livros – especialmente os que escreve para crianças e jovens... de todas as idades. É uma apaixonada por História e por viagens e adora crianças.

Visite-a em www.dulcerodrigues.info ou em www.barry4kids.net.

www.sitiodolivro.pt

ISBN 978-989-97375-2-5



9 789899 737525 >